



Ano 2, Número 6 Julho/2019

CAMINHOS ESTRATÉGICOS DE MERCADO

CIDADES INTELIGENTES – SMART CITIES

CAMINHOS ESTRATÉGICOS DE MERCADO

CIDADES INTELIGENTES – SMART CITIES

NESTA EDIÇÃO

- 1. O ranking das cidades inteligentes no Brasil*
- 2. O estado da economia no primeiro semestre de 2019*
- 3. A Revolução digital nos negócios e seu impacto na produtividade das empresas e na renda dos países da periferia*
- 4. Painel Brasil*
- 5. Painel Alagoas*
- 6. Expediente*

O Ranking de Cidades Inteligentes

Entre os anos de 1962 e 1963, a rede de televisão ABC lançou seu primeiro programa em cores na TV, denominado The Jetsons (Os Jetsons). O desenho animado foi produzido pelos estúdios Hanna-Barbera e foi relançado no Brasil na década de 1980, quando virou febre nacional, juntamente com outra animação – os Flintstones (mas essa já é outra estória!).

Os Jetsons eram uma família de 2062 que conviviam com um grande avanço tecnológico, e residiam na cidade de Orbit City. A arquitetura da cidade segue o estilo Google, com todas as casas e empresas suspensas sobre o chão e com colunas ajustáveis. George Jetson mora com a família num apartamento panorâmico: sua esposa Jane é dona-de-casa e eles tem dois filhos: a adolescente Judy que frequenta a Escola Secundária Orbit, e o menino de seis anos de idade Elroy, que estuda na Little Dipper School. A empregada doméstica é a robô Rosie, que cuida da limpeza e outras tarefas que usualmente são feitas a partir de apertos em incontáveis botões. A família tem um cão chamado Astro, com um sotaque que muda as consoantes das palavras para som de "R", como um rosnado.

George Jetson é um empregado típico de sua era: sua jornada é reduzida (1 hora por dia, 2 dias por semana). Jetson vai ao trabalho num carro aéreo (que lembra um disco voador com uma bolha transparente acoplada). A vida é bastante preguiçosa e com muito lazer, auxiliada por numerosos aparelhos que ocasionalmente dão defeito com resultados humorísticos. Apesar disso, todos reclamam de esgotamento do trabalho e dificuldades em viver com algumas inconveniências que permaneceram.

A Orbit City dos Jetsons poderia ser descrita como uma Smart City, por seus aspectos tecnológicos e pelo estilo de vida dos seus personagens. A jornada de trabalho nos apresenta uma ironia: trabalha-se uma hora por dia, 02 dias por semana, com muito lazer e ócio criativo; e no entanto, todos reclamam de esgotamento do trabalho (Domenico De Mais não concordaria!).

Deixando a ficção um pouco de lado, as Smart Cities (Cidades Inteligentes) de hoje não são bem um retrato fiel do que propunha Hanna-Barbera. Segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), uma cidade inteligente deve apresentar quatro premissas mínimas: i) ser sustentável ambientalmente, utilizando a tecnologia digital para maximizar o uso de recursos; ii) ser inclusiva e transparente, operando com canais diretos com os cidadãos, além de dados abertos para que todos acompanhem suas finanças; iii) gerar desenvolvimento, oferecendo infraestrutura adequada para a geração de emprego de alta qualidade, com inovação, e que promova o crescimento dos negócios e iv) é feita para os cidadãos, uma vez que usa a tecnologia digital para melhorar a qualidade de vida das pessoas e dar mais velocidade aos serviços públicos mais eficientes.

Bem, não se trata de ficção científica, mas esta realidade proposta ainda está um pouco longe do padrão da maioria das cidades do país. Para dar objetividade e concretude aos conceitos sobre cidades inteligentes, a empresa Urban Systems criou o Ranking *Connected Smart Cities*. O ranking foi feito com o objetivo de mapear as cidades com maior potencial de desenvolvimento no Brasil através de indicadores que retratam inteligência, conexão e sustentabilidade e é composto por indicadores de 11 setores: mobilidade (10 indicadores); urbanismo (12 indicadores); meio ambiente (14 indicadores); energia (06 indicadores); tecnologia e inovação (10 indicadores); economia (12 indicadores); educação (11 indicadores); saúde (08 indicadores); segurança (06 indicadores); empreendedorismo (07 indicadores); governança (14 indicadores)¹.

O total de indicadores para este ciclo da pesquisa é de 70. No entanto, alguns indicadores foram utilizados por mais de um dos 11 setores, como é o caso do indicador "Incubadora de Empresas", que fez parte dos setores Empreendedorismo e também Tecnologia e Inovação. Os resultados da pesquisa são apresentados de 04 formas: i) o Ranking Connected Smart Cities, com as melhores cidades nos 70 indicadores; ii) as melhores cidades em rankings para cada um dos 11 setores temáticos abordados; iii) as melhores cidades colocadas por regiões; e iv) os rankings das cidades por porte (de 10 a 100 mil habitantes; de 100 a 500 mil habitantes e mais de 500 mil habitantes). Por

¹ A pesquisa completa pode ser acessada em: www.urbansystems.com.br.

fim, vale informar que o Ranking Connected Smart Cities é composto por 100 cidades, enquanto que os rankings setoriais apresentam dados até a 50ª posição.

As 10 primeiras colocadas no ranking geral *Connected Smart Cities* são as seguintes:

2018	2017	Município	Pontos
1º	2º	Curitiba (PR)	31,782
2º	1º	São Paulo (SP)	31,459
3º	5º	Vitória (ES)	31,219
4º	8º	Campinas (SP)	30,920
5º	6º	Florianópolis (SC)	30,881
6º	3º	Rio de Janeiro (RJ)	30,505
7º	4º	Belo Horizonte (MG)	30,069
8º	11º	Porto Alegre (RS)	29,991
9º	12º	Santos (SP)	29,954
10º	18º	Niterói (RJ)	29,884

Na classificação por regiões, as primeiras cidades colocadas foram:

Região	Cidade/UF
Nordeste	Recife (PE)
Norte	Palmas (TO)
Centro-Oeste	Campo Grande (MS)
Sudeste	São Paulo (SP)
Sul	Curitiba (PR)

E quanto ao porte dos municípios, a classificação foi a seguinte:

Porte	Cidade/UF
50 a 10 mil habitantes	Viçosa (MG)
100 a 500 mil habitantes	Vitória (ES)
Mais de 500 mil habitantes	Curitiba (PR)

Os dados mostram que a cidade de Curitiba atingiu em 2018 a 1ª colocação no Ranking Connected Smart Cities, conquistando também a primeira posição no eixo Governança, que apresenta indicadores de investimento municipal, gestão e transparência. Além de Governança, a capital paranaense destaca-se também por ter subido posição nos eixos de: Urbanismo (2ª colocada), Empreendedorismo (2ª), Tecnologia e Inovação (3ª), Educação (5ª) e Economia (9ª).

As cidades do Sul e Sudeste dominam as primeiras posições no Ranking Connected Smart Cities. Campo Grande, a melhor colocada no Centro-Oeste aparece na 11ª posição, seguida por Recife, do Nordeste, na 12ª posição. A melhor representante da região Norte aparece apenas na 18ª posição, Palmas, no Tocantins.

Por apresentarem maior desenvolvimento econômico, as cidades do Centro-Sul brasileiro contam com desenvolvimento social maior do que as cidades do Norte e Nordeste do país, impactando nos resultados dos eixos de Meio Ambiente, Educação, Saúde, estes mais básicos, porém com consequente impacto nos eixos de Empreendedorismo, Tecnologia e Inovação e Economia.

Das 10 Cidades melhor posicionadas no Ranking Connected Smart Cities, 6 possuem mais de 500 mil habitantes, enquanto 4 possuem entre 100 e 500 mil habitantes. A primeira cidade com menos de 100 mil habitantes a se destacar no Ranking Connected Smart Cities é Viçosa (MG) na 26ª posição, impulsionada pelas suas posições nos eixos de Educação (2ª colocada), Empreendedorismo (16ª), Governança (6ª) e Tecnologia e Inovação (12ª).

Alagoas

O Ranking da Urban Systems apresenta as 100 melhores cidades classificadas como Connected Smart Cities. Na pesquisa de 2018, a única cidade alagoana que aparece no ranking é Maceió, e na última posição (100^a). Para termos uma base de comparação, as demais capitais nordestinas estão assim classificadas: Recife (13^a); Salvador (17^a); Fortaleza (22^a); João Pessoa (36^a); Teresina (44^a); Natal (82^a) e Aracajú (83^a). São Luiz (MA) não aparece no ranking.

Quanto aos setores/categorias pesquisadas (classificam as cidades até a 50^a posição), as cidades alagoanas estão assim distribuídas:

Setor/Categoria/itens levantados	Município/classificação
Mobilidade e Acessibilidade: proporção automóveis/habitante; idade média da frota de veículos; automóveis/ônibus; outros modais de transporte; ciclovias; rampas para cadeirantes; nº vôos semanais; transporte rodoviário	<ul style="list-style-type: none">• Maceió (25^a)• União dos Palmares (36^a)
Meio Ambiente: Índice de atendimento urbano de água; paralização no atendimento de água; índice de perdas na distribuição de água; índice de atendimento urbano de esgoto; taxa de recuperação de materiais recicláveis; taxa de cobertura de serviço de coleta de resíduos domésticos; arborização; monitoramento das áreas de risco	<ul style="list-style-type: none">• Maceió (49^a)
Energia: tarifa média; domicílios com outra fonte de energia que não a do sistema oficial; produção de energia em usina eólica; produção de energia a partir da biomassa; iluminação pública; domicílios com energia elétrica	<ul style="list-style-type: none">• São Miguel dos Campos (15^a)• Coruripe (19^a)
Segurança: homicídios; acidentes de trânsito; despesas municipais com segurança; disponibilidade de guardas civis e agentes de trânsito	<ul style="list-style-type: none">• São Miguel dos Campos (2^a)
Governança: escolaridade do prefeito; índice Firjan de desenvolvimento municipal; escola Brasil transparente; conselhos municipais	<ul style="list-style-type: none">• Maceió (45^a)

O ranking das cidades inteligentes nos faz refletir sobre a posição de Alagoas e nossas cidades quando se fala nos temas mais quentes da atualidade quando se pensa em planejamento municipal. O tema das cidades inteligentes aborda, no senso comum, somente os aspectos relacionados ao mundo digital e novas tecnologias. Os gestores municipais esquecem que questões relacionadas a segurança, saúde e acessibilidade – além de governança local e meio ambiente, somente para citar alguns – são temas extremamente relevantes e precisam, portanto, fazer parte da ordem do dia das administrações municipais.

As atribuições de peso, indicadores e metas ajudam a aterrissar os temas relacionados às cidades inteligentes e colocam luzes em aspectos que precisam ter a face humana representada. Senão, seria melhor voltar a assistir os Jetsons, dos estúdios Hanna-Barbera e fingir que já estamos todos na era da solução de todas as dificuldades por meio da falácia da tecnologia.

BALANÇO SETORIAL

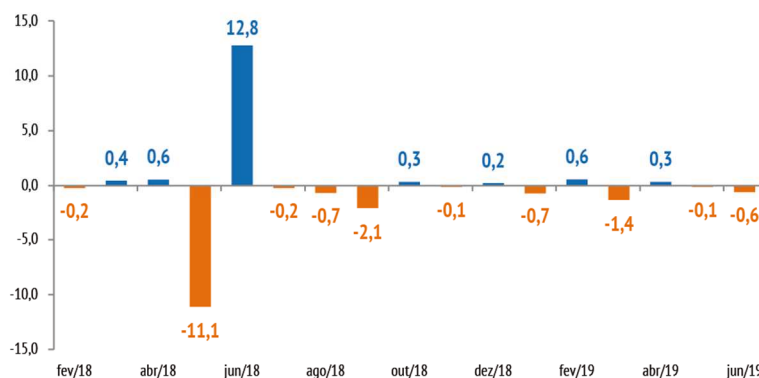
INDÚSTRIA

Do ponto de vista econômico, o primeiro semestre do ano se apresenta como perdido para o país. Os setores industriais, comerciais e de serviços produziram números pífios, projetando um PIB com potencial negativo para o período. Esta situação poderá colocar o Brasil numa posição de “recessão técnica”, quanto temos dois trimestres seguidos com retração na atividade econômica.

Os dados da indústria apresentam inicialmente uma retração na produção física, com retração em maio e junho do corrente – a leve alta em abril não foi suficiente para eliminar a tendência.

Variação mensal da produção física da Indústria

Varição com relação ao mês imediatamente anterior (%) - sem efeito sazonal



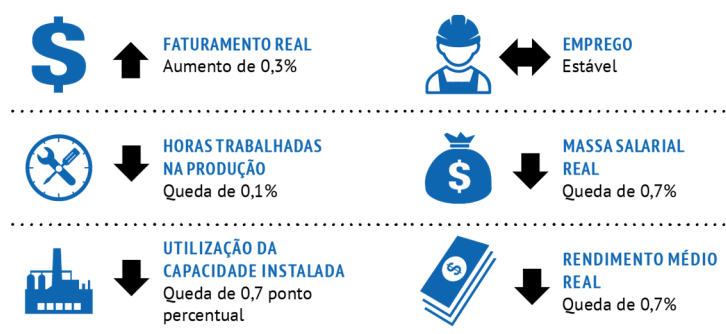
Fonte: IBGE

Nota: Indústria de transformação e Indústria extrativa

Os dados de junho, em comparação com maio, confirmam a tendência de retração da atividade industrial. Dos seis indicadores apresentados abaixo, apenas faturamento cresceu (com um leve crescimento de 0,3%) e o emprego se manteve estável; os demais todos sofreram queda no período: de horas trabalhadas (-0,1%), passando por utilização da capacidade instalada (-0,7%), até rendimento médio (-0,7%) e massa salarial real (-0,7%).

Indicadores Industriais junho 2019

Varição frente a maio de 2019 (com ajuste sazonal)

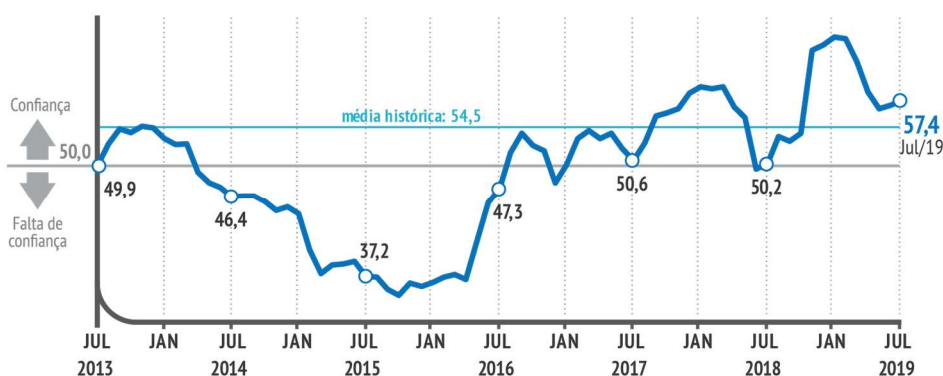


Tudo isso influencia negativamente os índices de confiança, tanto do empresário quanto do consumidor. O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) até que reagiu no mês de julho, com aumento de 0,5% em comparação com junho e após uma série de quedas desde o início do ano, conforme demonstra o gráfico abaixo.

Série histórica

Índice (0 a 100 pontos)*

*Valores acima de 50 pontos indicam confiança do empresário. Quanto mais acima de 50 pontos, maior e mais disseminada é a confiança.

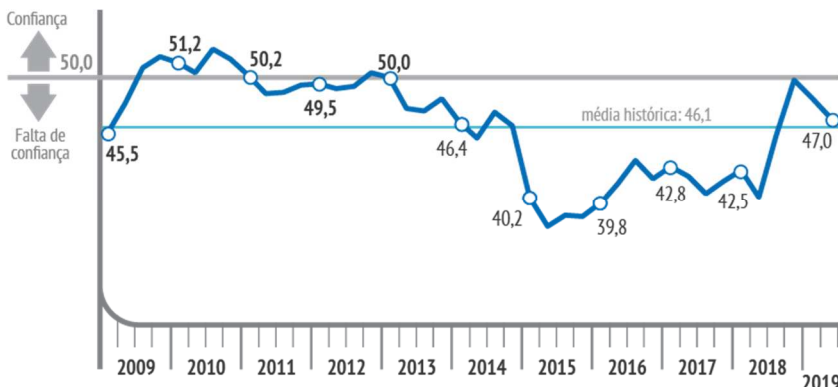


Os consumidores, por seu turno, estão um tanto quanto ressabiados. Os números de junho em comparação com abril recuaram 1,4%, porém ainda estão acima da média histórica de 46,1 pontos e 6,7 pontos acima do que foi produzido em maio/junho do ano passado, com o forte impacto da paralisação dos caminhoneiros.

Série histórica

Índice (0 a 100 pontos)*

*Valores abaixo de 50 pontos indicam falta de confiança do consumidor. Quanto mais abaixo de 50 pontos, maior e mais disseminada é a falta de confiança.



SERVIÇOS E COMÉRCIO

Segundo o IBGE, o setor de serviços recuou 1,0% no mês de junho, a pior queda do ano em curso. Comparando com o mesmo mês de 2018, a queda foi de 3,6%, mas no acumulado do ano tivemos uma alta de 0,6%. Trata-se da pior queda mensal desde 2015, quando tivemos os mesmos números daquele ano, com retração nas cinco atividades acompanhadas para divulgação.

As atividades com retração em suas atividades foram: setores de informação e comunicação (-2,6%); transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-1,0%); serviços profissionais, administrativos e complementares (-1,0%); serviços prestados às famílias (-0,2%) e outros serviços (-2,3%). Os dados do IBGE informam que 19 das 27 unidades da federação tiveram retração no volume de serviços, com destaque para os estados do Rio de Janeiro (-3,4%), São Paulo (-1,6%), Santa Catarina (-4,9%) e Distrito Federal (-4,2%).

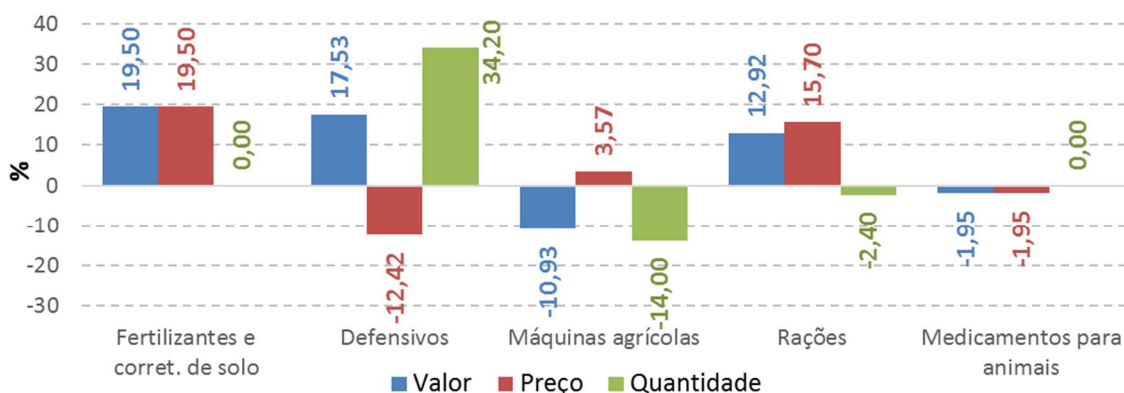
Já o comércio teve uma queda no período de 0,3% e apenas o comércio ampliado, que inclui venda de veículos e de material de construção, registrou uma alta trimestral de 1,2%.

AGRONEGÓCIOS

Segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP e da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o PIB do agronegócio brasileiro iniciou o ano com leve recuo de 0,15% em janeiro.

Entre os segmentos, apenas o de insumos apresentou alta no mês (0,86%), mantendo a tendência de crescimento já observada em 2018. Já os demais, registraram quedas: 0,11% para o primário, 0,18% para a agroindústria e 0,28% para os agrosserviços. Importante destacar que tais resultados não contemplam dados relativos a volume de produção de atividades importantes para o agronegócio, como o setor sucroenergético e diversas atividades pecuárias. (Tabela 1).

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxas de variação mensal (%)



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Anda).

A Revolução Digital nos Negócios e Seu Impacto na Produtividade Das Empresas

Laudeny Fábio Barbosa Leão²

Um mistério permanente na economia do século XXI é o crescimento morno da produtividade a despeito da emergência de tecnologias de ruptura com potencial de varrer do mapa indústrias e setores inteiros. Uma das explicações levantadas por especialistas ao redor do mundo é que essas tecnologias recebem uma atenção desproporcional a suas escala e escopo.

É comum nos dias atuais a afirmação constante de que a inovação está ocorrendo mais rápido que nunca, no entanto, os dados que saem da chamada 4ª Revolução Industrial sugerem que este processo é tudo, menos revolucionário. Dados evidenciam que entre as economias avançadas, o crescimento da produtividade está entre os mais lentos em 50 anos. O objetivo deste artigo, portanto, foi o de investigar o impacto das novas tecnologias digitais na produtividade das empresas, no mercado de trabalho e na renda das pessoas, especialmente nos países periféricos e de lento crescimento, como o Brasil.

A metodologia utilizada foi a pesquisa de dados secundários em publicações especializadas a respeito do tema, pesquisas bibliográficas recentes, leitura de artigos científicos e análise de anais de seminários e fóruns nacionais e internacionais que relatam os efeitos práticos das novas tecnologias no meio empresarial e na economia de países periféricos.

As conclusões da pesquisa direcionam para um “paradoxo da produtividade”, onde a aplicação das tecnologias digitais não necessariamente está evidenciada nos balanços das empresas e nas oportunidades de emprego das economias periféricas. Outra conclusão que o artigo mostra é que há um grande lapso de tempo entre o lançamento, divulgação e aplicação das novas tecnologias no mundo real. Em muitos casos o que se propaga é utilizado por um pequeno percentual de empresas de alta tecnologia, ficando a massa de empresas que movem a economia de fora das possibilidades de utilização, seja por falta de estrutura interna, seja por falta de conhecimento massivo, seja por falta de recursos para investimento.

Diante disso, é preciso refletir não apenas sobre o impacto das novas tecnologias no mundo real e suas evidências. É preciso também analisar os “efeitos antecipação” de futuro que as notícias proclamam diariamente na mídia. Até que ponto a profusão de informações sobre as revoluções tecnológicas impactam na criação e eliminação de empregos para países de economia frágil? Quais tecnologias as empresas chamadas “normais” realmente precisam para sobreviver no mercado? E mais, quais problemas reais as novas tecnologias respondem? Essas reflexões, acreditamos, são fundamentais para que tenhamos ganhos reais de produtividade nas empresas, além da criação de novas oportunidades de colocação na economia.



² Economista, com Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFAL). Doutorando em *Desarrollo Local Y Cooperación Internacional* pela Universidad de Valencia (Espanha). E-mail: laudeny.fabio@gmail.com.

PAINEL DE INDICADORES: BRASIL E ALAGOAS

Principais Indicadores Econômicos – Brasil

Descrição	2015	2016	2017	2018	Último Dado	2019
I – Atividade Econômica						
PIB real (%)*	-3,5	-3,5	1	1,1	1º tri/2019	0,9
Produção industrial (%) *	-8,30%	-6,60%	2,50%	1,1%	abr/19	0,7
Comércio Varejista (var. volume vendas) *	-4,3	-6,2	2	2,3	abr/19	---
Taxa Desocupação (PNAD contínua)	9	12	11,8	11,6	fev/mar/abr**	12,5
II – Inflação						
IPCA (%)*	10,7	6,3	3	3,8	mai/19	3,8
IGP-M (%)*	10,5	7,2	-0,5	7,6	mai/19	6,1
III – Juros e Câmbio						
Selic (%)	14,25	13,75	7	6,5	mai/19	5,75
TJLP (%)	7	7,5	7	7,03	Abr/mai/jun**	6,26
R\$/US\$	3,9	3,25	3,3	3,85	21/06/2019	3,80
IV – Setor Externo						
Balança Comercial (US\$ bilhões) *	19,7	47,72	66,99	60,6	mai/19	50,60
Investimento Estrangeiro Direto (% PIB) *	4,2	4,4	3,4	4,7	abr/19	5,0
Reservas Internacionais (US\$ bilhões)	356,46	372,22	381,97	378,10	19/06/19	387,95
V – Crédito (SFN)						
Taxa de Juros (% a.a.)	29,8	32	25,6	23,3	abr/19	25,3
Inadimplência (%)	3,4	3,7	3,2	2,9	abr/19	3,0

*Acumulado em 12 meses; ** Trimestre Móvel

Painel Alagoas

Indicador	Valor
Taxa de analfabetismo entre jovens e adultos (IBGE, PNADC, 2017)	18,20%
Escolaridade média da população adulta (IBGE, PNADC, 2017)	7,1 anos
Taxa de desemprego (PNAD, IBGE, 2019) (1º trim./19)	16,0%
Renda domiciliar per capita	R\$ 658,00
Geração nem nem nem (nem trabalha, nem estuda, nem procura emprego) (IBGE, 2018)	26,35%
Índice de Gini* (IBGE, 2018)	0,46
PIB (bilhões) (IBGE, 2017)	R\$ 37.223
PIB per capita	R\$ 13.422
IDH-M** (IBGE, 2016)	0,667
IPC (junho/18) (Alagoas em Dados, 2018)	0,65%

Expediente Boletim Caminhos Estratégicos de Mercado – UGE

Presidente do Conselho Deliberativo

José da Silva Nogueira Filho

Diretor Superintendente

Marcos Antonio da Rocha Vieira

Diretor Técnico

Ronaldo de Moraes e Silva

Diretor de Administração e Finanças

José Roberval Cabral

Gerente da Unidade de Gestão Estratégica – UGE

Fabírcia Carneiro Fernandes

Equipe UGE

Fábio Leão (conteúdo)

Isadora Barros

Geanne Daniella

Sandra Vilela

Colaboração

Mariana Cruz (estagiária)